

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



Quem compraria o carro usado de Temer?

► Quatro quintos do total de brasileiros não comprariam

Acuado por várias federações sindicais e por inúmeros movimentos sociais, o presidente-tampão Michel Temer gravou, pouco antes da greve geral, algumas palavras sobre o 1º de Maio. Naquele dia, ele ficou frente a frente com o bicho-papão. Ou seja, a condenação do seu governo Brasil afora. A voz de Temer, em busca de apoio às medidas repudiadas pelos trabalhadores e pela maioria da sociedade, foi sufocada pelo barulho das manifestações expressivas em número de participantes.

A coincidência puniu Temer. Um dia antes foi anunciado o número de desempregados no País. A conta, mais de 14 milhões, formou a moldura das reações das ruas. Além do mais, dava-se o primeiro aniversário do golpe. Será que os golpistas, Temer à frente, se habilitam a entender que botaram o Brasil em ebulição?

Diante disso, podem ser ainda mais perturbadores os resultados sociais, caso sejam aprovadas no Congresso as transformações na legislação trabalhista e na Previdência. Temer pode ser um dos algozes dos benefícios sociais. O outro é Fernando Henrique Cardoso, que chegou a apregoar o fim da Era Vargas.

Acobertado pela mídia, Michel Temer mesmo assim preferiu se refugiar em um YouTube multiplicado na sequência pelas redes sociais.

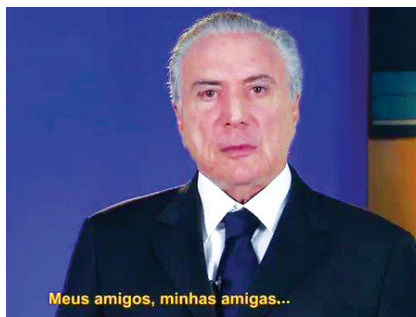
Nele, o presunçoso presidente da República afirmou a seus “amigos e amigas” que o Dia do Trabalho, neste ano, marca “um momento histórico”. Pode ser. Não pelas razões vendidas por ele, e sim por imprevisíveis resultados do confronto comandado pelo Palácio do Planalto.

Três das afirmações do discurso: “Vai dar maior segurança jurídica para o empregador e o empregado. Estamos fazendo isso para reformar o Brasil e gerar emprego”. Ainda ele: “Quero ser conhecido como o presidente que melhorou as condições econômicas, que fez as grandes reformas”. E por fim garantiu: “Além de mais empregos, o resultado será mais harmonia na relação de trabalho”.

Quantos “amigos e amigas” de Temer comprariam “carros usados” vendidos por ele? A resposta, talvez já superada pelo tempo, está em números da pesquisa CNI/Ibope feita no fim de março. Apenas 17% dos brasileiros confiam nele. Uma esmagadora maioria, 79%, não confia. Surpreende, de certa forma, que a maior desconfiança venha das classes mais abastadas, considerando as respostas dos entrevistados

do Ensino Superior e da Renda Familiar (tabela).

A desconfiança, nesses casos, ultrapassa a marca dos 80%. Temer e aliados como o PSDB, por exemplo, julgavam que a “dor” do golpe passaria rapidamente porque, enganosamente, ficaria restrito aos gabinetes e corredores do Congresso. Grande engano. Os números abrem um abismo entre a esperança de alguns, no Brasil de cima, e o desespero outros, no Brasil de baixo. •



VOCÊ CONFIA OU NÃO CONFIA EM TEMER?

	TOTAL	ENSINO SUPERIOR	RENDA FAMILIAR*
Confia	17%	15%	17%
Não confia	79%	84%	82%

*Mais de 5 salários mínimos. Fonte: CNI/Ibope

“Momento de luta. Grito junto, claro!”

(Do ator Lázaro Ramos, no Teatro Guararapes, em Olinda (PE), ao aderir ao grito dos espectadores: “Fora Temer”)



Mais uma lição de Machado

Aula de liberdade

O suposto ministro da Justiça, Osmar Serraglio, foi o primeiro a classificar a greve geral de “baderna”. Serraglio, precipitado pela ignorância, não percebeu que a greve era legal e que, nessas ocasiões, é preferível “a liberdade, antes confusa, que nenhuma”, como alertava, em 1892, o genial Machado de Assis. Os excessos são os excessos. Que as autoridades cuidem deles.

Trecho de uma das crônicas de Machado, leitura muito além do *Diário Oficial*, é um antídoto à truculência verbal de Serraglio. O “Bruxo” ensinou: “A liberdade não é surda-muda, nem parálitica. Ela vive. Ela fala, ela bate as mãos, ela ri, ela assobia, ela clama, ela vive da vida”.

Força disfarçada

Michel Temer decepcionou o governador Luiz Fernando Pezão e, mais ainda, os

cariocas, ao mandar apenas 200 homens da Força Nacional para ajudar no combate à violência na cidade.

Isso não faz nenhum sentido. Tem gato na tuba.

Velhas lições

Michel Temer ordenou uma caça aos funcionários da administração federal indicados por parlamentares que votaram contra as alterações na legislação trabalhista. Rapidamente, passou a defenestrar servidores indicados por deputados “infiéis”.

É uma tarefa difícil se Temer não tiver agido como agia o governador Chagas Freitas, no Rio de Janeiro, nos anos 1970-1980. Chagas listava em uma pasta os nomes dos indicados. Se o deputado traía, rapidamente o pau comia.

O falso racismo

Há uma batata quente nas mãos do ministro

Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal. Cabe a ele decidir o final do confronto judicial travado, há anos, entre o jornalista Paulo Henrique Amorim e o locutor da TV Globo Heraldo Pereira. Amorim referiu-se a Heraldo como “negro de alma branca”.

O falso crime de racismo, com o passar do tempo, tornou-se injúria qualificada sem lei que disponha a respeito. Mas Barroso não é de fugir desses confrontos.

Toga sem mito

Do lendário advogado Evandro Lins e Silva: “A nosso ver, o legislador brasileiro esteve bem inspirado no momento em que adotou em nosso país (...) uma genial formulação do constituinte americano: a criação de uma Corte de Justiça com funções políticas”.

É uma lição oportuna às restrições de vestais impostas ao Supremo Tribunal Federal.



Mais uma lição de Evandro

Temer e o voto

No depoimento do marqueteiro João Santana aos procuradores da Lava Jato há uma sobra de problemas para Michel Temer. É possível recolher humor na delação.

Diz Santana: “O presidente Temer, além de não somar, estava tirando votos”.

mauriciodias@cartacapital.com.br